

Reunião em família
para comemorar os
80 anos da senhora
Edite Andrade

PAG. 4 e 5



Reunidos com a aniversariante Edite Andrade (à direita), sua filha Ana Karin, Lenita Lago Bello e o Repórter PH

José Ricardo Miranda
lançou o seu primeiro
livro na vitoriosa Feira
do Livro de São Luís

PAG. 5



Ao lado do pai, cardiologista José Ricardo Miranda, o filho do mesmo nome segura um exemplar do livro que autografou na Feira do Livro de São Luís

Divulgação/Humberto Porto



COM
uma bela reunião de amigos no restaurante Cabana do Sol, a linda Sofia de Almeida Ferreira, comemorou seus 15 anos. A menina que sonhava com a poesia da festa de debutante, viveu nessa noite a própria poesia, olhando para trás com gratidão e para a frente com fé
PAG. 7

Não sei se você já notou, mas há pedaços do Primeiro e do Terceiro Mundos convivendo entrelaçados bem aqui em São Luís, como linhas cruzadas.

Onde? Nas grandes livrarias. Conheço pelo menos duas que não ficariam deslocadas em Paris, Nova York, Londres. Apesar das enormes dimensões, são acolhedoras.

A ideia geral de sua disposição permite que a gente possa se orientar entre ficção e não ficção. Só não invente de perguntar a um dos atendentes onde achar, por exemplo, Memórias de Adriano. Ele padecerá da vaga noção de que deve se dirigir à prateleira das biografias, mas antes disso correrá ao computador mais próximo, apenas para declarar que esse senhor esgotou-se.

Não imagine também ir à seção de

LINHAS CRUZADAS:
*entrelaçados bem aqui em São Luís
convivem pedaços de dois mundos*

CDs para pedir algo de Wagner ou de Verdi. The clerk – eles gostam de palavras difíceis – lhe dirá que não sobrou nada, ainda que você esteja a 30 centímetros do Coro dos Peregrinos ou das Vésperas Sicilianas.

Onde mais? Nos restaurantes ditos sofisticados. Sei de três que na aparência não fariam má figura às margens do Sena, do Hudson, do Tâmis. Todos eles têm aquilo que se chama atmosfera. A

decoração é caprichada e traz a assinatura de um bom profissional. Os pratos falam diversos idiomas, ao menos no menu. Mas aí você descobre que fazem dieta: lhe surgem em mínimas porções. O tempero ora brilha pela ausência, ora pelo excesso. The rest rooms – ah, de novo o inglês – estão longe de ser um primor. E, com tudo isso, os preços orbitam por galáxias das vizinhanças do Maxim's ou da Tour d'Argent.

Onde ainda São Luís gira entre dois mundos? Em certos bairros. Se você os contempla distraído, vê belíssimas mansões cercadas de jardins, que devem esconder piscinas, talvez quadras de tênis ou brasões ilustres. Mas se os observa mais atento, percebe que inúmeras dessas moradas são em verdade bancos, financeiras, empresas, escritórios, consultórios, pet houses, ou seja: silenciosas fábricas de dinheiro, quando não mera aparência de exíguas fachadas espelhadas no aço e vidro circundantes.

As calçadas são pistas de obstáculos, a segurança é um conceito inexistente, vagas para estacionamento só nas towers onipresentes.

Sim, São Luís, com mais de 400 anos, não é mais a cidade-menina, aquela que conheci quando tu também eras menina.

Fotos/Divulgação



Iracilde Moura Fé Lima, com a curadora e coordenadora geral do projeto, Silvana Tamer



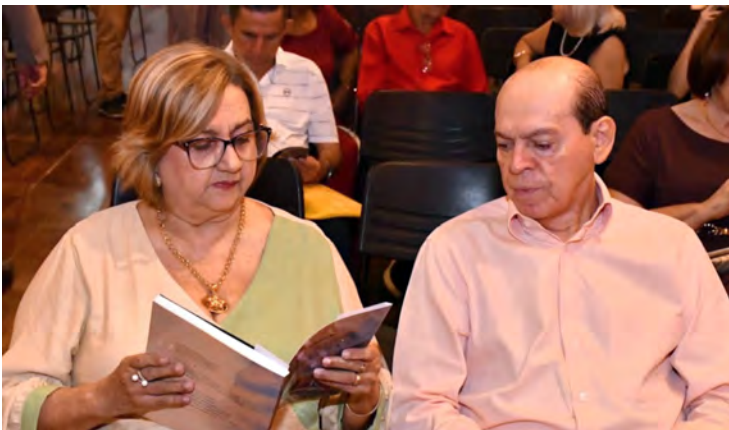
Samir Murad e Ana Beatriz



Flávio Moura Fé Lima e sua esposa Susana Camille



Iracilde, com Tatiana Lindoso, que representou o presidente Kécio Rabelo e Quecia Carvalho do cerimonial da FMRB



Nicolau e Graça Barros

NOITE DE AUTÓGRAFOS NO CONVENTO DAS MERCÊS

O cenário escolhido para o lançamento do livro “Vamos Passear em São Luís?”, da escritora Iracilde Maria de Moura Fé Lima, não poderia estar mais integrado ao conceito da obra. Realizado no dia 24 de setembro, no histórico Convento das Mercês, fundado em 1654, no século XVII, o evento estabeleceu um diálogo entre literatura, patrimônio e memória.

Com curadoria e coordenação geral de Silvana Tamer e prefácio da historiadora Kátia Bogéa, o lançamento reuniu cerca de 150 pessoas, entre familiares, amigos, autoridades, escritores, artistas, músicos e profissionais de diversas áreas, em uma noite dedicada à cultura e à valorização da identidade são-luiseense.

Com uma narrativa leve e envolvente, “Vamos Passear em São Luís?” conduz o leitor por uma viagem pela cidade a partir do diálogo entre uma professora, seus alunos e estudantes visitantes. Ao longo

desse percurso, história, geografia, arquitetura, cultura e natureza se entrelaçam às transformações vivenciadas por São Luís ao longo do tempo.

Mais do que apresentar lugares, a obra propõe um olhar de descoberta, pertencimento e cuidado com a memória e o patrimônio da cidade.

Embora dialogue de maneira especial com crianças e jovens, é uma leitura para todas as idades, convidando diferentes gerações a conhecer, redescobrir e valorizar São Luís de forma lúdica e afetiva.

Piauiense radicada há vários anos em São Luís, Iracilde Maria de Moura Fé Lima é mestre e doutora em Geografia, professora universitária, pesquisadora e autora de diversos livros.

Em sua nova obra, transforma conhecimento e vivência em um convite para conhecer, compreender e valorizar São Luís.



Sara Gama e Carlos Meneses



O artista Ednilson Costa, autor da obra que ilustra a capa do livro, ao lado da escritora Iracilde Moura Fé Lima



Sergio Tamer, Silvana, Amanda e Daniel Fontes



A escritora Iracilde com o esposo Almir Lima, os filhos, Leonardo, Marcelo, Flávio e os netos



Nycelle Melo, Cynthia Melo, Iracilde, Cristiane e Marina Lago



Bruno Castelo Branco e Luis Augusto Guterres



Jeanne Nunes



Cássia Gonçalves e Ana Régia



A escritora Iracilde com o esposo Almir Lima, os filhos, Leonardo, Marcelo, Flávio e os netos



Cícera Castro com a escritora Iracilde Moura Fé Lima



Rômulo e Virgínia Castelo Branco

Sinfonia em noite de plenilúnio

1 Nas minhas andanças pelo mundo, quando mais jovem, tudo o que eu pedia de um hotel era que fosse tranquilo e confortável. Há alguns anos, com uma amiga e companheira de muitas viagens pelo mundo, descobri em Paris um exemplar que não apenas preenche esses dois requisitos como oferece, por acréscimo, uma estação de metrô a 20 metros da entrada; um ambiente agradavelmente acolhedor, a que não faltavam crianças, um gato chamado Life e um cachorro que atendia por Jilou; e um café da manhã que incluía os melhores croissants da Rive Gauche.

2 Passamos lá quase duas semanas. Os dias pareciam uma amostra grátis do próximo inverno, mas em nosso apartamento a calefação era impecável. Dos amplos balcões tínhamos uma vista inspiradora de águas-furtadas, estúdios, mínimos jardins suspensos. E fazia bem ao coração saber que, por mais intensa que fosse a festa da vida, ali sempre encontraríamos um espaço de branda paz. Só interrompida quando fomos “invadidos” por um exército da Ucrânia, hoje tão na moda por conta da guerra com a Rússia.

3 O infausto acontecimento ocorreu ali pelas onze da noite. O domingo tinha transcorrido perfeito: longos passeios a pé pela Île Saint-Louis e o Marais, um concerto de Mozart na Rue des Blancs-Manteaux, jantar com amigos brasileiros no Petit Mabillon. Era exatamente isso o que recordávamos quando se deu uma espécie de erupção vulcânica. De um momento para outro o até ali pacífico terceiro andar foi sacudido por vozes e ruídos que atropelavam todos os artigos, incisos e parágrafos do velho e bom regulamento interno do hotel. A horda falava uma língua estranha, que não conseguimos decodificar, o que impedia qualquer tentativa de comunicação.

4 Naquela noite dormimos tarde, mas fomos despertados pouco depois das seis da matina pelo mesmo pesadelo: a vizinhança tinha se transformado numa zorra. Fomos à dona do hotel apresentar a competente queixa: esta ouviu com paciência e explicou que a “ganguê” se compunha de jovens ucranianos em sua primeira viagem ao exterior, circunstância que os tornava algo mais extrovertidos do que normalmente eram. Garantiu, no entanto, que ia se entender com eles.

5 Essa providência teve escassos resultados. Depois de uma segunda-feira relativamente calma para os padrões ucranianos, pelo resto da semana os rapazes e moças voltaram a atacar com um ímpeto de guerrilheiros. Mal um acordava, saía pelos quartos vizinhos, em missão de festiva alvorada. Não conversavam: perpetravam imensos discursos, aparteados ora por protestos, ora por risadas. Jamais fechavam uma porta: preferiam batê-la com estrondo. E o pior: eram decididamente musicais. Formavam duetos, quartetos, corais providos de um tropel de decibéis capaz de arrasar um quarteirão.

6 Eu estava decidido a me mudar, nem que tivesse de pagar minha irritação com muitos euros num hotel cinco estrelas da Rive Droite. Mas aí minha amiga, que nunca foi de desperdiçar dinheiro, lembrou que, se nosso andar houvesse sido ocupado por brasileiros, muito possivelmente teríamos de encarar batucadas e até pagodes; que, apesar de turbulentos, os ucranianos eram uma gente alegre, talvez ingênua; e que se sentiam obviamente felizes por estarem em Paris. Acatei os argumentos tolerantes de minha companheira de muitas e inesquecíveis viagens e resolvi relevar os incômodos vizinhos.

7 Uma noite, recém chegados do teatro, onde aplaudimos a bailarina e coreógrafa brasileira Márcia Haydée, notamos algo esquisito no terceiro andar: reinava um silêncio absoluto, profundo, abençoado. Nossos “algozes” haviam partido. Pela manhã, a proprietária não só confirmou a notícia, como estendeu-nos um CD da Orquestra Sinfônica de Kiev.

8 Era um souvenir deixado pelo “bando”, com um pedido de desculpas por algum involuntário transtorno que nos houvesse causado. Gesto que, para mim, foi como a evolução de uma sinfonia numa noite de plenilúnio.

MEMÓRIA

Fotos/Reprodução com tratamento de IA



QUANDO Roseana Sarney foi governadora do Maranhão pela primeira vez, no final do século XX, reeditou uma tradição do nosso Carnaval: o Baile de Gala, cuja coordenação foi entregue a este Repórter PH e a cantora maranhense Alcione fez o principal show da noite no Hotel Sofitel São Luís – hoje Hotel Blue Tree Premium

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL RENOVA MEMÓRIAS

A revolução da inteligência artificial (IA) é uma transformação profunda na sociedade moderna que redefine a forma como trabalhamos, produzimos conhecimento e lidamos com a tecnologia que permite aos computadores realizarem tarefas que antes exigiam inteligência humana, como aprender, reconhecer padrões e resolver problemas. Ela é considerada por muitos a crista da onda da Quarta Revolução Industrial, mudando radicalmente setores inteiros.

No início deste século, isso era imaginado como uma possibilidade fantástica. Até mesmo como uma piada. Em ‘Futurama’, Fry, o protagonista, mantinha um

relacionamento com uma robô que tinha a aparência de Lucy Liu (isso foi em 2001). Apesar dos avisos apocalípticos, Fry continuava com seu relacionamento.

Avançamos para 2008. O primeiro filme do ‘Homem de Ferro’ era lançado, e Tony Stark contava com seu assistente Jarvis, um robô sem forma física que fazia praticamente tudo para ele. Um robô que adquiriu personalidade própria e chegou a ser usado para fins malignos. Tudo isso ainda estava no terreno da ficção.

Em 2013, foi lançado o filme ‘Her’, no qual o solitário Joaquin Phoenix iniciava um relacionamento com uma Inteligência Artificial (que seus amigos também usavam,

chegando até a considerá-la uma amiga), com a voz de Scarlett Johansson. O sujeito fica arrasado ao descobrir que aquela voz fazia o mesmo com milhares de homens.

Para quem trabalha com fotografia, a IA tem sido a solução. Muitas fotos feitas em preto e branco há dezenas de anos – muitas delas desbotadas – são recuperadas pela Inteligência Artificial. E esse recurso tem permitido que muitas imagens guardadas e desbotadas readquiram a beleza original e sejam colorizadas num piscar de olhos.

Tanto isso é verdade que este caderno tem recorrido a esse recurso moderno para reavivar memórias afetivas ameaçadas de se perder no tempo.



O Repórter PH com o colunista Zózimo Barroso do Amaral (1941-1997), que renovou a crônica social no Jornal do Brasil e morreu em Miami



O Repórter PH com Ibrahim Sued (1924-1995), um dos precursores da crônica social e um mais icônico dos cronistas do século XX



O jornalista José Cirilo Filho e o Repórter PH conferindo uma edição do suplemento “Sete Dias”, que, ainda muito jovens, editamos nos anos 1970



O Repórter PH com o ator do icônico filme “Platoon”, na Nova York dos anos 1980. Viajamos de Miami a Belém na primeira classe da Varig

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Edite Andrade em frente ao painel projetado para o espaço da mesa de doces com o bolo de aniversário dos seus 80 anos

EDITE ANDRADE: 80 ANOS

Com uma noite pontuada de alegria em clima de celebração e grandes demonstrações de amor e amizade, foram comemorados em grande estilo os 80 anos bem vividos de Edite Andrade, paulista há mais de três décadas radicada em São Luís, onde conquistou muitos amigos e criou uma bela família.

Mãe de Fernanda, Ana Karin, Euler e Emerson, ela teve a nova

idade comemorada com uma reunião intimista, com a presença apenas dos familiares e alguns amigos mais próximos, numa noite agradável no salão de festas do Edifício Two Towers Endell Gabriel, na Ponta do Farol, que teve música a cargo do cantor e guitarrista Sérgio Panichi, correto serviço de buffet de Claudia Gaspar e um clima de descontração e simpatia que é marca registrada da família.



Edite Andrade cercada dos filhos, netos e parentes para o ritual do canto de "Parabens pra você" seguido do corte simbólico do bolo



A aniversariante com os filhos Euler, Fernanda, Ana Karin e Emerson



Bruna e o namorado Kenard Andrade Neto



Emerson Andrade, Elisbela Pinto (irmã de Edite), o Repórter PH e Ana Karin Andrade



Ana Karin Andrade, Lenita Lago Belo, o Repórter PH e a aniversariante Edite



A bela tenista Isadora Andrade



O casal de médicos Rafael Camara (cardiologista) e esposa Maria Eduarda



Célia Buzar e Aldir Cerveira



Ana Karin Andrade entre os primos Tácio Grieco Andrade e Átila Andrade



Lisieux Campos, Edite Andrade, Lenita Bello, o Repórter PH, Giselda e Garden Abreu Lima e Ana Karin Andrade



Aliomar Câmara com os filhos Felipe, Gustavo e Rafael

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Edite Andrade entre Vitória Régia Rayol Salles, Fátima Bezerra Sabóia, Judite e José Antonio Almeida Silva



Tadeu Pinto e Bela com Tadeu Filho e Tadeu Neto, a avó Edite e Livia



Kenard Andrade Filho com a mãe Fernanda, a irmã Maria Eduarda e a namorada Bruna



Euller Andrade Filho e Luciana com Livia e Tadeu Pinto Filho



Fábio Ribeiro e Malu



Bruno e Ludmila Lopes



Chistiana Buzar Andrade e a filha Isadora com Edite Andrade e Célia Buzar



O cantor e guitarrista Sergio Panichi



O escritor com sua esposa Fernanda Marques

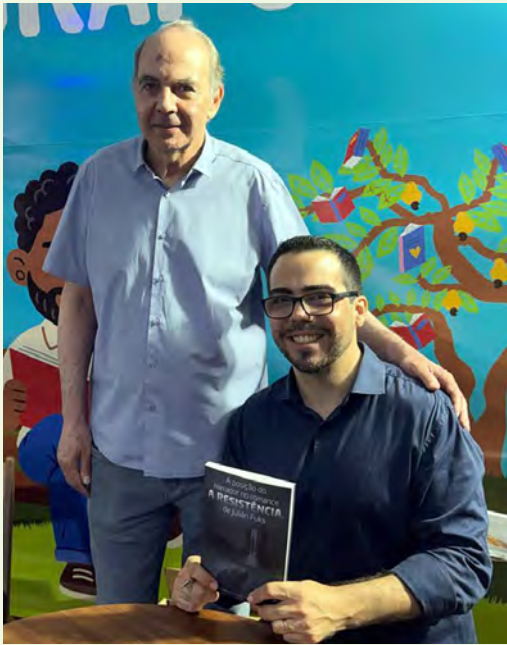
AUTÓGRAFOS DE JOSÉ RICARDO

Novidade na Feira do Livro de São Luís, o jovem escritor José Ricardo Miranda Filho lançou no domingo, 27 de setembro seu livro A posição do narrador no romance 'A Resistência', de Julián Fuks, pela Editora Benjamin.

O lançamento, com sessão de autógrafos, foi realizado na Praça Maria Aragão, durante a programação da Feira do Livro de São Luís.

A obra é resultado de sua pesquisa desenvolvida no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E investiga a construção e a posição do narrador no romance A Resistência, do escritor brasileiro Julián Fuks, publicado em 2015 e vencedor do Prêmio Jabuti.

Ao abordar uma narrativa marcada por questões familiares e pela memória, a pesquisa procura compreender como o narrador se posiciona diante dos acontecimentos que conta e de que maneira essa posição interfere na construção da narrativa.



O escritor com o pai José Ricardo Miranda



O escritor com colegas de trabalho



Outro grupo de colegas de trabalho



O escritor com Fátima Martins



O escritor com Ivani e Genésio Bertrand



O escritor com o irmão Diogo Miranda



O escritor com sua mãe Maria Luiza Miranda



O escritor com Murilo Andrade, a esposa Rayane de Sousa Lira e o filho Miguel.



O escritor com Bruno Castelo Branco



O escritor com Raphael Saldanha



O escritor com José Costa Junior



O escritor com seu colega de letras José Neris (da AML)



O escritor com Sonia Paraíso, Rayane de Sousa Lira e Cicero Brito



O escritor com um grupo grande de colegas de trabalho



O grupo de amigas reunido em torno de Déia Trinta Paes

ALMOÇO PARA DÉIA

Há um grupo de senhoras da sociedade maranhense que todo sábado se reúne no bistrô Grand Cru para degustar vinhos acompanhadas dos maridos. Mas quando uma delas muda de idade, ensaia um outro tipo de reunião: realizam no mesmo local

ou no Mamma Restaurante, um encontro só de mulheres, para almoços alegres e divertidos. Aniversariante do dia 1º de setembro, Déia Trinta Paes foi homenageada no Mamma, com uma reunião na primeira quinzena do mês com uma tarde de altíssimo astral.



Aparecida (Cida) Valadão e Rose Medeiros



Déia Trinta Paes e Rose Medeiros



Maria Luiza Miranda e Ana Lúcia Albuquerque



Déia entre Flávia Ferraz e Melina Fernandes



Thatiana Bandeira e Déia Trinta Paes



Déia Trinta Paes e Ana Elvira Buhatem



Melina S. Fernandes com Flávia A. Ferraz

Novembro Rouge vem aí

Na última semana de setembro o assunto começou a ganhar destaque nas rodas de conversas da sociedade maranhense mais elegante e sofisticada.

As pessoas passaram a falar do Novembro Rouge, a grande noite que vai movimentar a vida social de São Luís na noite de 19 de novembro, na casa de eventos Villa Reale, no Calhau.

Véspera do feriado do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, o evento cairá numa quinta-feira com a lua quase cheia. E o local ganhará uma ambientação especial assinada pela designer Cintia Klamt Motta.

No momento, a fase é de planejamento, escolha das atrações musicais, da lista de convidados – que estará, como sempre, a cargo de minha eterna parceira Teresa Martins –, e dos mínimos detalhes para que esse seja o maior acontecimento de luxo deste final de 2026.

Homens e mulheres já começaram a escolher suas roupas mais elegantes para marcar presença em grande estilo nessa que promete ser a mais elegante confraternização de fim de ano de nossa sociedade.

Verdades de Maquiavel

No período eleitoral, dedicamos sempre os melhores pensamentos a Maquiavel. Diante de uma mesa farta, de toalha de linho egípcio, talheres pesados, porcelanas assinadas, vinhos de boa data servidos em cristais coruscantes, nunca esqueço os desvalidos, os que nada têm.

E faço como Maquiavel, que cultivou em textos soberbos uma ironia discreta em relação ao seu tempo, carregada de desalento resignado em face da realidade, característica que muitos confundem com cinismo.

Grande é a diferença entre a maneira em que se vive e aquela em que se deveria viver, constatou com simplicidade e realismo no Príncipe, advertindo a seguir: quem deixar de fazer o que é de costume, para fazer o que deveria ser feito, encaminha-se mais para a ruína do que para sua salvação.

Verdades de Maquiavel...2

A obstinação de Maquiavel (1469-1527) não eram as mulheres, como Casanova, nem a boa mesa, como Brillat Savarin, mas a política, em que as ferramentas não deixam de ser semelhantes: também aí é indispensável o uso competente das armas da sedução e da conquista, além da capacidade de conciliar – ainda que seja o aroma dos vinhos com o sabor dos pratos.

Maquiavel sempre quis ser apenas um político e, de fato, teve intensa atividade no governo florentino, dos 29 aos 43 anos de idade.

A volta dos Médicis a Florença, entretanto, encerrou a carreira política de Maquiavel, o qual esperou em vão pelo resto de sua vida (terminada aos 58 anos) voltar à atividade. Enquanto esperava, escrevia.

Verdades de Maquiavel...3

Niccolò Machiavelli nesses 15 anos de exílio do poder, com o ócio forçado que as circunstâncias lhe impuseram, teve os vagares necessários à literatura e produziu uma obra consistente. Portanto, graças às perseguições dos Médicis, temos hoje livros como O Príncipe, sua obra mais famosa, embora Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio seja a obra-prima.

Maquiavel, na verdade, não tinha nada de amoral ou “maquiavélico”, no sentido assustador que o termo ganhou. Os huguenotes franceses, os puritanos ingleses e os jesuítas, que tinham reduzido a atividade política a intrigas palacianas sustentadas pela força das armas, foram apanhados de surpresa pela força renovadora do pensamento de Maquiavel.

A admiração (e o ódio) que sua inteligência despertou naquele tempo deriva da coragem que teve ao escrever certas verdades:

“É muito mais seguro sermos temidos do que amados. Os homens têm menos escrúpulo de ofender quem se faz amar do que quem se faz temer. Pois o amor depende de uma vinculação moral que os homens, sendo malvados, rompem. Mas o temor é mantido por um medo de castigo que não nos abandona nunca”.



Flávia Araújo Ferraz com as amigas de sempre

ALMOÇO PARA FLÁVIA

Na segunda quinzena de setembro, o almoço só para mulheres comemorou o aniversário de Flávia Araújo Ferraz, que mudou de idade no dia 21 de agosto e passou a data com a família no Rio de Janeiro. O encontro, dia 25 de setembro, no

bistrô Grand Cru, seguiu a mesma receita dos anteriores, com uma tarde alegre e descontraída, bolo de aniversário e sopro de velas após o coro de “Parabéns pra você”. Flávia era o retrato da felicidade com todas as suas amigas da confraria presentes. E



Flavia Ferraz cortando o bolo de aniversário



Flávia entre Kátia Rocha e Maria Luiza Miranda



Flávia entre Thatiana Bandeira,e Déia Trinta Paes



Flávia entre Rose Medeiros e Melina Fernandes



Flávia entre Ana Lúcia Albuquerque e Cida Valadão



Flávia entre Ana Elvira Buhatem e Ligia Silva



Fotos/Montagem/IA

QUESTIONÁRIO PÓS-PROUSTIANO

Gosto muito de fazer perguntas para mim e sobre eu mesmo. Às vezes também gosto das respostas e guardo-as para não se perderem no tempo. Hoje, publico algumas dessas perguntas e respostas que valem como uma entrevista que eu gostaria que algum repórter tivesse feito comigo.

P: Tem noção de quantas horas por dia estás agarrado ao celular?

R: Não muitas. Creio que apenas 24 horas por dia.

P: Em que circunstância desliga ou põe o celular em modo avião?

R: No voo, às vezes.

P: Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?

R: Que me lembre nada. Tenho como regra, não publicar nada nas redes depois de duas taças de vinho. Recomendo.

P: Onde conheceu o amor da sua vida? Foi à primeira vista? Ou na primeira conversa de chat?

R: Acho que amor e aparelhos eletrônicos não se devem misturar. Tenho uma tia que discorda, mas isso é lá entre ela e os seus massagistas faciais.

P: Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?

R: A zanga faz parte do caderno de encargos de qualquer amizade. Já a desistência não, esta eu evito ao máximo. Ex-amigo é uma relação muito pesada de se ter. Mais que ex-esposa e quase como ex-mãe ou ex-irmão.

P: Já se sentiu co-responsável por uma atitude racista ou foi vítima de racismo? Em que circunstâncias?

R: Todos somos racistas em maior ou menor grau de desconstrução. Porém, alguém como eu, com ADN de europeu, africano e indígena sul-americano, deve procurar ter, até como atestado de inteligência ou de vergonha na cara, o mínimo de preconceito racial.

P: Alguma vez foi vítima de assédio sexual no local de trabalho por um superior hierárquico?

R: Não. Há alguns anos complementaria a resposta com alguma piada sexista. Mas, graças a Deus, evoluímos a ponto de não a poder (nem querer) fazer tal descabro.

P: Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?

R: Não existe tal possibilidade. Elogios são sempre bem-vindos, mesmo quando vêm disfarçados de críticas.

P: Alguma vez fez alguma figura triste depois de ter bebido demais?

R: Quem nunca? Só os chatos é que não.

P: Qual é a sua bebida preferida?

R: Água. Sem gás e com gelo e sem limão. Vinho ou champagne quando quero comemorar.

P: E personagem de romance?

R: Capitu, a protagonista feminina

de Dom Casmurro, de Machado de Assis. Ela tinha os “olhos oblíquos e dissimulados”. E ninguém nunca conseguiu descobrir se traiu ou não o seu marido, o Bentinho.

P: Fora do Brasil, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?

R: Paris, onde já estive dezenas de vezes. Londres, onde já vivi algumas vezes e quero viver mais. Nova York, que é sempre meu sonho de consumo. Devo ter morado nesses lugares em outra encarnação.

P: Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?

R: Coma menos. Mas não segui.

P: Em que situações se considera um “chato”?

R: Pontualidade. Eu sou daqueles que chegam nas festas e os donos da casa ainda estão no banho.

P: E corrupção? Já foi abordado ou já abordou alguém para uma propina? E conheceu diretamente casos de suborno com dinheiro?

R: Não. Acho que deve ser porque tenho cara de rico. Ninguém quer corromper um pobre, vai ganhar o quê?

P: Diga, por favor, seis livros (ou mais) que mudaram coisas na sua vida. Explique o porquê de um deles.

R: Vou resumir a lista a só um, porque só um teve realmente um impacto a ponto de mudar o meu percurso de vida. Chama-se O Encontro Marcado, de Fernando Sabino, de quem me tornei amigo depois que o trouxe para uma visita a São Luís. Li, desavisadamente, muito novo, muito antes do que deveria. Mudou a minha forma de ver o mundo. Como o livro tem duas partes, a primeira a contar a história de um grupo de jovens e a segunda a mostrar como eles ficaram vinte anos depois, descobri que a vida não é uma linha reta. Até hoje tenho na memória uma epígrafe do livro: “Ele faria da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura, um encontro.”

P: Alguma vez fumou? E fumou na cama?

R: Fumei dos 15 aos 45 anos. Comecei cedo e acabei antes que fosse tarde demais.

P: Diga o nome de três brasileiros vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).

R: José Sarney, Roberto Carlos, Adélia Prado. Da minha cota pessoal, acrescento o jornalista e escritor Fabricio Carpinejar, que tem se tornado um comunicador com um perfil único.

P: E entre os que já morreram? (idem)

R: Fernando Pessoa, Jorge Amado,

Bandeira Tribuzi. Acrescento mais um da minha quota pessoal: o jornalista Napoleão Saboia, um grande amigo com quem até hoje converso na minha cabeça.

P: Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?

R: Sou uma pessoa muito calma tendo em vista a vida que tenho. Costumo estressar com uma coisa de cada vez. Não sofro de véspera. E acredito que o meu travesseiro é um excelente remédio.

P: E já se sentiu profundamente exausto? Foi burn-out?

R: Sim e não recomendo. Já passei de todos os limites de trabalho algumas vezes e o resultado não muda: mais cedo ou mais tarde a máquina do corpo começa a gripar.

P: O seu ideal de vida é levantar-se às seis da manhã ou prefere deitar-se por essa hora?

R: Eu desperto com o sol. Queira ou não. Aproveito essa dívida para começar a produzir muito cedo. E adoro dormir tarde.

P: Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?

R: A felicidade é sobrevalorizada.

P: Costuma usar a expressão “todes” em vez de “todos”? Acha que o acordo ortográfico da língua portuguesa devia ser mudado para tornar a linguagem mais inclusiva?

R: Não uso, mas não tenho nada contra. Se um dia virar norma, OK também. As pessoas dão muita importância a como se escreve isso ou aquilo. Deveriam se ocupar mais com o poder das palavras.

P: É vegetariano, vegano, faz alguma dieta especial? Por quê?

R: Como quase de tudo. E, como tenho tendência a engordar, sempre a metade do que realmente queria.

P: A sua vida tem quantas músicas? Quais são?

R: Como nossos pais, que Elis Regina cantou em seu show Falso Brillhante e dedicou a este Repórter PH no dia em que fui aplaudi-la no Teatro Abril, em São Paulo, My Way, e “Sonhos”, que Peninha compôs inspirado num poema que publiquei no antigo Jornal do Maranhão, editado pela Arquidiocese de São Luís.

P: Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?

R: A Odisseia foi o último que vi no cinema. Excelente, Christophe Nolan simplesmente arrebatador.

P: Tem um último desejo?

R: “Poderia tentar tudo outra vez?”

DESTAQUE DA CAPA

Divulgação/Humberto Porto



Sofia com os pais Dini e Clóvis Cabalau na festa dos seus 15 anos

15 ANOS DE SOFIA

O livro mais famoso associado a uma personagem chamada Sofia é O Mundo de Sofia, um romance do escritor norueguês Jostein Gaarder publicado em 1991. No enredo, a jovem Sofia Amundsen, de 15 anos, começa a receber cartas misteriosas com perguntas filosóficas que viram sua vida de cabeça para baixo. E funciona como um guia acessível pela história da filosofia ocidental, desde os pré-socráticos até a era moderna,

passando por Jean-Paul Sartre.

O livro mistura narrativa de ficção e suspense com conceitos profundos do pensamento humano. A personagem adolescente tem a mesma idade de Sofia, a filha de Dini e Clóvis Cabalau que, talvez, tenham se inspirado no romance para escolher o nome da filha que debutou na sociedade em pleno mês de setembro, cercada dos familiares e amigos mais próximos dos seus pais e de colegas de sua geração.

Novidades na urna eletrônica

As urnas eletrônicas que serão utilizadas no próximo domingo, 4, no primeiro turno das eleições 2026 contarão com novidades.

A adoção de uma nova fonte, a inclusão de uma barra de progresso na tela e o aprimoramento das orientações em libras estão

entre as inovações.

Em conjunto, os recursos foram desenvolvidos para facilitar a leitura das informações e orientar o eleitor ao longo de cada etapa da votação.

Uma das mudanças está na forma como as informações são apresentadas na tela da urna.

Novidades na urna eletrônica ...2

Neste pleito, a urna passa a utilizar a fonte Atkinson Hyperlegible, criada pelo Braille Institute, organização voltada à acessibilidade de pessoas com deficiência visual. A tipografia foi desenvolvida para diferenciar com mais clareza os caracteres, inclusive aqueles que podem ser visualmente semelhantes.

Além do formato das letras, características como espaçamento e definição da grafia também contribuem para uma leitura mais confortável.

Na prática, a alteração facilita a identificação das informações exibidas na tela, especialmente para eleitoras e eleitores com deficiência visual ou baixa visão.

Novidades na urna eletrônica ...3

Há ainda outra alteração que os eleitores encontrarão neste domingo: uma barra localizada na parte superior da tela. Esse mecanismo indicará o avanço entre os cargos, permitindo reconhecer em qual etapa o eleitor está e quais votos ainda precisam ser registrados.

A funcionalidade também estará disponível no terminal das mesárias e dos mesários. Dessa forma, a equipe que atua na seção poderá acompanhar em que etapa da votação o eleitor se encontra e prestar auxílio, quando necessário, sem

comprometer o sigilo do voto.

A acessibilidade também foi ampliada para eleitores com deficiência auditiva. O intérprete de Libras, recurso disponível na urna desde 2022, passa a oferecer orientações adicionais durante a votação. Além de indicar o cargo que está sendo votado, o intérprete exibido na tela orientará sobre situações como voto em branco, voto nulo e voto de legenda.

A ampliação busca tornar mais claras as diferentes possibilidades disponíveis ao eleitor no momento do registro do voto.

Balada de São Luís

Em cada esquina te vais
em cada esquina te vejo
esta é a cidade que tem
teu nome escrito no cais

A cidade onde desenho
teu rosto com sol e anil
canoas te levaram e
os barcos à vela te perderam

Esta é a cidade onde chegas
nas manhãs de tua ausência
tão perto de mim tão longe
tão fora de seres presente

Esta é a cidade onde estás
como quem não volta mais
tão dentro de mim tão que

nunca ninguém por ninguém

Em cada dia regressas
em cada dia te vais
em cada rua me foges
em cada rua te vejo

tão doente da viagem
teu rosto de sol e anil
esta é a cidade onde moras
como quem está de passagem

Às vezes pergunto se
às vezes pergunto quem
esta é a cidade onde estás
com quem nunca mais vem
tão longe de mim tão perto
ninguém assim por ninguém.



O Papai Noel é uma das atrações da decoração natalina da Carmelitas

SÃO LUÍS EM CLIMA DE NATAL

Q em acompanha o sucesso da Carmelitas, de Priscilla Cech, aplaudiu, no dia 25 de setembro, a entrada da loja no clima natalino deste ano, em sua unidade na Avenida dos Holandeses, no Calhau.

A programação celebrou, simultaneamente, a chegada da temporada de Natal e os dez anos de sucesso da loja, período em que consolidou seu espaço no segmento de decoração, utilidades para a casa, roupa de cama e mesa e presentes, aproximando produtos,

tendências e soluções para quem gosta de transformar os ambientes.

A abertura foi com o Auto de Natal Carmelitas (idealizado por Marco Duailibe), e teve apresentação da soprano Rose Nogueira e performances do grupo Trama Teatro, além de cenários imersivos e decorados, com uma produção que traduziu o espírito que acompanha a marca ao longo de sua trajetória: encontros, afeto, beleza e a valorização dos momentos compartilhados em família.

A decoração e os cenários

levaram trouxeram uma atmosfera lúdica que remete a clássicos, como o Natal Luz de Gramado, com cenários imersivos repletos de luzes, coleções natalinas e detalhes aconchegantes.

Toda a produção da festa foi assinada por Márcio Class. A relação da Carmelitas com o Natal, aliás, já faz parte da memória recente dos seus clientes. Em anos anteriores, a loja ganhou destaque pela elaboração de cenários natalinos especialmente produzidos para a temporada.



As crianças ficaram encantadas com os símbolos natalinos da decoração



Priscilla Cech entre Carla Duque e Rosimar Salgueiro



Letícia Bogéa Castro e Gisele Castro



Grupo da Companhia Trama Teatro que encantou os convidados



Vinícios Mesquita e Mariana com os anfitriões



Priscilla Cech e Oton Lima

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Lou Marques e Priscilla Cech



Modelo Isabelle Cutrim, Manu Mendonça, Priscilla Cech e Daniela Fecury



Rosimar Salgueiro com os sobrinhos Victor Carvalho Cech e Priscilla



Priscilla Cech e Cida Valadão



Victor e Priscilla Cech com Francisca e Márcio Barbosa



Priscilla Cech e Hosana Reis



Priscilla Cech entre Fernanda e sua sogra Paulinha Lobão



Raphael e Rosário Saldanha entre Victor Carvalho Cech e Priscilla

As razões do voto

O voto, essa procuração assinada pelo povo, tem razões que a própria razão cartesiana desconhece.

Tem gente que escolheu seu candidato porque ele é bom de bico, me deu uma carona anteontem, conseguiu uma passagem de ônibus para eu ir votar, prometeu uma dentadura e dinheiro pro fixador Corega, vai me arranjar um emprego no seu gabinete, garantiu limpar meu nome no SPC, vai me dar um curió cantador ou lutará pelo direito dos homens reclamarem pensão alimentícia das ex-mulheres.

Ufa! Será que alguém ainda cogita votar naquele deputado que prometeu fiscalizar as obras intermináveis, cheias de “aditivos”, que os administradores levam anos e anos para terminar? Obra longa é obra cara – e, não raro, abriga maracutaia.

As razões do voto...2

O voto-fiscalizador, infelizmente, é atributo das democracias mais desenvolvidas, em que a tolerância com a farra fiscal, feita com o dinheiro público, é próxima do zero. Trata-se de um voto qualificado, dado ao candidato igualmente habilitado ao exercício da boa administração dos recursos – que devem ser tão melhor empregados quanto mais escassos forem.

O único defeito do voto eletrônico, garante uma torcedora fanática por futebol, a clássica Maria-Chuteira, é a falta de um espaço no campo da telinha, onde a tiete pudesse escrever:

– Um beijo para o Neymar!... Ou: Um beijo para o Vini Jr.

As razões do voto...3

Há todo tipo de voto. O apaixonado, o adesista, o comercial, o dado por razões sondáveis – ou, insondáveis. O mais abjeto é o “voto comercial”. O sujeito vende a procuração por um sapato novo, uma cesta básica, uma promessa de dinheiro, ou o próprio, “ao vivo”.

Há o voto “desesperado”, como o do banguela, em troca de uma consulta ao dentista. Um pecado, digamos, venial. E há o voto honesto, “por exclusão”:

– O sujeito é burro, concordo. Mas era o único “ficha limpa” que encontrei!

Há ainda o voto dado ao “menos pior”, ou para “complicar” a eleição de alguém. Sem falar no voto dado às minorias e aos anarquistas:

– Votei porque ele era o pior disparado!

As razões do voto...4

Não importa se o candidato usa cueca sambacção – a não ser que pretenda usá-la para fins heterodoxos. Ou que mantenha as unhas dos dois mindinhos crescidas para propósitos pouco higiênicos.

Os motivos que levam o eleitor a sufragar um nome é segredo, que pertence à antropologia sociocultural da nação – e escapa da vã filosofia das “pesquisas”.

É reflexo do interior “profundo” de cada região da Terra – e revela a cara e o perfil do seu povo, para o Bem ou para o Mal.

Humberto de Campos

No segundo volume do seu Diário Secreto, o escritor Humberto de Campos revela seu total despreço à vida política, por ter sido lançado no Maranhão (a contragosto), candidato a deputado federal.

Escreveu ele: “A 11 do corrente (janeiro de 1930) recebi telegrama do presidente do Diretório do Partido Republicano Maranhense (creio que essa é a denominação do partido a que pertença), comunicando ter sido meu nome indicado, por unanimidade, para a reeleição, na renovação da Câmara Federal”.

Adiante afirma: “A política partidária ocupa um lugar tão secundário na minha vida, que só hoje me lembrei deste registro”.

Humberto de Campos se reelegeu deputado federal sem vir ao Maranhão, sem gastar um tostão e desconhecendo até o partido a que pertencia.

Por esse e outros motivos, os gaúchos mobilizaram o país e deflagraram a Revolução de Trinta.

Mancada de Ulysses

O jornalista Jorge Moreno (1954-2017) contou, certa vez, em artigo publicado no jornal O Globo, um fato pitoresco que aconteceu na cidade maranhense de Codó, quando da campanha do deputado Ulysses Guimarães para a Presidência da República.

Em homenagem ao coordenador de sua campanha, o fraterno amigo Renato Archer, o candidato do PMDB veio participar de um comício em Codó. Antes do evento, foi recepcionado por um correligionário de Renato, nascido em Bacabal.

Quando deram a palavra a Ulysses, ele começou seu discurso dizendo: “Meus queridos bacabalenses”.

Abertas as urnas de Codó, o candidato do PMDB foi o menos votado para Presidente da República.

Quilombos do Maranhão

Em 2010 estive em São Luís o escritor e etnólogo francês Jean-Yves Loude, autor de livros de repercussão internacional.

Ele veio ao Maranhão para conhecer os quilombos localizados nas cidades de Guimarães, Mirinzal, Itapecuru, Vargem Grande, Manga do Iguará e Caxias e entrevistar professores e intelectuais que trabalhavam com o tema, dentre os quais Jomar Moraes (1940-2016), Sérgio Ferretti (1937-2018) e Mundinha Araújo.

O projeto do autor do excelente livro “Lisboa, na Cidade Negra” era escrever um livro sobre quilombos e quilombolas do Maranhão.

Até onde sei, o projeto nunca foi posto na prática. E caiu no esquecimento.

Fotos/Divulgação/



Celebração de momentos especiais têm sido uma constante no Miramar Rooftop

Celebrações com vista privilegiada

O Miramar Rooftop, no alto do Marcus Barbosa Intelligent Office, na Avenida dos Holandeses, tem sido escolhido para comemorações que pedem um cenário especial. Aniversários, noivados, casamentos, pedidos especiais, encontros familiares e confraternizações ganham um toque a mais com a

ambientação sofisticada, a gastronomia e a vista panorâmica da Ilha de São Luís e da Baía de São Marcos.

Com acesso por elevador exclusivo, o restaurante proporciona uma experiência diferenciada desde a chegada. E

para quem deseja tornar o momento ainda mais marcante, o passeio pelo heliponto do edifício completa a experiência, com uma perspectiva privilegiada da cidade. À frente do Miramar, o gerente Joaquim Neto destaca que a proposta é fazer de cada celebração uma experiência memorável.



Proposta é proporcionar um ambiente sofisticado e acolhedor, aliado a uma vista panorâmica que valoriza ainda mais cada encontro



Cristiano Sardinha é tabelião, professor e escritor

Artigo de Cristiano Sardinha ganha destaque

O tabelião, escritor e professor Cristiano Sardinha publicou no Blog do Evandro Júnior, hospedado no Portal Imirante, um artigo que chama atenção para a relação entre religião e política em período eleitoral.

Em “Jesus não é cabo eleitoral”, o autor reflete sobre intolerância religiosa, liberdade de crença e a utilização de símbolos da fé no discurso político.

A publicação propõe uma reflexão sobre o respeito às diferentes convicções religiosas e àqueles que não professam nenhuma religião.

O autor também recorre aos ensinamentos de Jesus Cristo para defender uma mensagem de união, fraternidade e dignidade, ressaltando que a fé deve aproximar as pessoas, e não ser utilizada para dividi-las no contexto eleitoral.



Volta de Deive Leonardo à capital maranhense atende a pedidos do público

Deive Leonardo em São Luís

O evangelista Deive Leonardo está de volta a São Luís para apresentar a Tour “O Despertar”, no dia 22 de outubro, às 19h, no Auditório do Centro de Convenções do Sebrae. Conhecido por suas mensagens de fé e por reunir grandes públicos, ele promete uma noite de reflexão sobre propósito, decisões, perseverança e renovação da mente. A apresentação tem produção local da Tablado Produções.

Expectativa

A volta de Deive Leonardo à capital maranhense atende a pedidos do público, segundo Lukas Cordeiro, produtor da Tablado Produções. A nova turnê, que percorre cidades brasileiras e destinos internacionais em 2026, propõe uma experiência que vai além do encontro, com reflexões sobre fé, esperança, transformação e relacionamento com Jesus. Para Lukas, a apresentação representa uma oportunidade de proporcionar ao público maranhense uma experiência marcada por fé e propósito.

Seresta Prime

A Seresta Prime vai atravessar as fronteiras de São Luís e desembarcar no município de Rosário com uma edição especial do projeto Seresta Prime sem Fronteiras, que tem como proposta levar a label para outros cantos do Maranhão. A programação será realizada na casa de eventos Roda Viva no dia 10 de outubro, a partir das 20h, com uma noite dedicada à música, à seresta e aos grandes sucessos do arrocha e do brega.

Entre as atrações está a cantora Erika Trindade, diretamente da Bahia. Natural de Ibirataia, a artista vem se destacando nos gêneros arrocha, brega e seresta, conquistando espaço também nas redes sociais, onde vídeos de suas apresentações alcançam milhões de visualizações e ajudam a ampliar o alcance de seu trabalho.

Diferentes gerações

Além de Erika Trindade, o público de Rosário poderá conferir os shows de Kaio Cantor, Eduardo Ébano, Banda Seresta Prime e Taty Pereira, em uma programação pensada para reunir diferentes gerações de admiradores da música romântica e dançante.

A iniciativa representa um novo momento para a Seresta Prime, que tradicionalmente movimenta os domingos em São Luís. A festa é realizada semanalmente, a partir das 15h, na Associação da Sucam, no bairro Turu, e já integra o calendário de entretenimento da capital maranhense.